ANTI CAPITALISTA

N.º 27 (SÉRIE II) – ABRIL 2020

2020 | A SELVA POR TRÁS DE UM VÍRUS

EDITORIAL

A SELVA SOB A LENTE DE UM VÍRUS

Uma pandemia assombra a Europa: assalta quotidianos e monopoliza os espaços da discussão política.

Entre os propalados consensos, fabricados ou reais, sólidos ou conjunturais, fundamentais ou estratégicos, impõe-se uma retórica de crise que, para lá de uma justificação sanitária, ameaça o seu prolongamento num "estado de exceção" económico-financeiro de dimensões imprevisíveis. O Covid19 é o índice de um capitalismo de exploração que abandona os mais fracos e que é já a montra de um estado de desproteção que o precedia. O vírus intensifica a assimetria das relações laborais, a vulnerabilidade do trabalho precário, a desproteção e o abandono sistémico da massa de trabalhadores e trabalhadoras que não têm garantias de rendimento, de segurança laboral ou do próprio confinamento domiciliário que lhes salvaguarde a saúde. Não tenhamos dúvidas que o apelo global "fique em casa" não tem uma validade universal. Quando não há casa, quando a casa não se sustenta sem a deslocação ou o serviço, quando o teletrabalho não se aplica ou não rende – o próprio apelo para se "ficar em casa" surge como uma espécie de globalização de um privilégio que não está ao alcance de todos/as.

Por outro lado, tal como noutras crises, subjazem os principais agentes de uma economia abutre, com exercícios especulativos em torno de bens fundamentais, principalmente no momento que atravessamos. É tempo de proceder às requisições necessárias para que se chamem ao Estado as missões de Saúde pública para quem mais necessita, não permitindo o aproveitamento da situação em nome do lucro de muito poucos. E é tempo de o fazer numa altura em que o lume progressivo desta crise incide já sobre o elo mais fraco de uma sistémica cadeia de injustiças.

O Bloco propôs, desde a primeira hora, medidas de proteção que abrangessem os setores mais vulneráveis da economia real. Trabalhadores/as a recibo verde, trabalhadores independentes ou trabalho informal são, como era previsível, quem mais sofre com esta crise e quem mais dificuldade enfrenta para encarar presente e futuro. Por isso mesmo seria importante mobilizar, do Orçamento de Estado, apoios que assegurem o quotidiano e a subsistência da totalidade da massa trabalhadora sem sobrecarregar a Segurança Social. Fundamental também é assegurar condições que permitam preservar especialmente o direito à habitação, com a suspensão dos despejos, a proibição de despedimentos e o adequado reforço das respostas ao nível da Saúde. E tantos outros desafios concretos, mal respondidos pelas hesitações do costume da parte dos responsáveis do costume – e que surgem como responsabilidades a que procuramos responder com urgência política vivificada em ação militante. Tudo se nos apresenta com uma exigência sem igual, pelo que se tornam necessárias respostas sem igual.

A crise alastra. O país sabe, hoje mais do que nunca, a importância de um Serviço Nacional de Saúde, e talvez lamente de forma crescente o subfinanciamento deste setor do Estado e o menosprezo pelo direito universal aos cuidados médicos. Mas, por entre os escombros da crise, importa chamar a atenção para tantas outras pessoas: operadoras de supermercado, cuidadores/as e trabalhadores/as informais, trabalhadores/as em linhas de distribuição sem teletrabalho… milhares de pessoas que, nestes dias, foram já dispensadas ou despedidas. São a imagem da selva pela lente de um vírus, que nem precisa de infetar para atacar as suas precarizadas vítimas.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, onde se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** empenhadxs nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
A selva sob a lente de um vírus

3 **Tatiana Moutinho**
Os herdeiros de Malthus

4 **Adriano Campos**
COVID-19: Precariedade no trabalho e na vida? É isto!

5 **Edgar Morin**
O que nos diz o Coronavírus

6 **Butler**
O Capitalismo tem os seus limites

7 **Hugo Mota**
A AfD e o saudosismo nazi

8 **Acontece**
Não deixar ninguém para trás
Despedimentos.pt

8 **Leituras**
O povo do Abismo, Jack London
Rapazinho, Lawrence Ferlinghetti

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Participaram nesta edição
Adriano Campos
Andrea Peniche
Beatriz Simões
Edgar Morin
Hugo Monteiro
Hugo Mota
Judith Butler
Rita Gorgulho
Tatiana Moutinho

Capa
Milo Manara

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

TATIANA MOUTINHO

OS HERDEIROS DE MALTHUS

O conhecimento científico não se traduz numa verdade absoluta e imutável. Mas uma coisa é certa: décadas, séculos e milénios de produção de conhecimento têm-nos conduzido a cada momento, e inevitavelmente, ao mais próximo que alguma vez estivemos da verdade.

Nos últimos anos temos vindo a assistir a sucessivas e incrementais tentativas para minorar e descredibilizar o conhecimento que a investigação e o saber, em todas as áreas do conhecimento, vão acumulando - notavelmente, pela parte de uma extrema-direita que precisa da ignorância e da desinformação como de pão para a boca.

No entanto, e não será seguramente a primeira vez, à conta da pandemia do chamado "novo coronavírus" (SARS-Cov2), assistimos recentemente a um fenómeno cujas consequências poderão vir a ser absolutamente trágicas, orquestradas pelo sinistro Dominic Cummings e anunciadas pela marioneta falante que dá pela graça de Boris Johnson: a apropriação de um conceito cientificamente validado na tentativa de pôr em prática um plano de contornos eugénicos. Malthus deverá, pelos dias que (de)correram, rejubilar na tumba.

Tanto quanto a ciência é capaz de dizer - e a ciência já é capaz de dizer muito nesta questão específica – a chamada "imunidade de grupo" é um facto: ter um amplo grupo de pessoas imunizadas contra agentes patogénicos ajuda a proteger aquelas que, por alguma razão, não estão imunologicamente protegidas (por exemplo, as pessoas imuno-deprimidas).

É por isso que a vacinação é tão importante e é por isso que anti-vaxxers e as suas campanhas são tão irresponsáveis e, em última análise, criminosas: as pessoas não vacinadas podem permanecer imunologicamente protegidas enquanto a maioria do grupo estiver imune; quando um determinado limiar é ultrapassado – ou seja, no momento em que a proporção de pessoas não vacinadas se torna relevante - a imunidade de grupoo fica comprometida e as consequências são dramáticas (veja-se o que aconteceu com recentes surtos de varíola e sarampo, por exemplo).

O grande e intolerável erro cometido por Boris Johnson e sua trupe (e, muito provavelmente, não por ignorância) assenta na forma como se atinge a imunidade de grupo. Este tipo de imunidade pode ser alcançado de duas formas: ou deixando um agente patogénico à solta, contaminando tudo e todos com as respectivas consequências: a doença de muitos e com a respectiva mortalidade associada, que dependerá da gravidade da doença produzida. Aqueles que sobreviverem e recuperarem ficarão, muito possivelmente, imunes, pelo menos durante algum tempo. Assim, num determinado momento, uma grande parte das pessoas acabará imunologicamente protegida e atingir-se-à a chamada "imunidade de grupo". Ou, podemos atingir a imunidade de grupo através da imunização controlada, ou seja pela vacinação (em resumo, a exposição controlada do grupo ao agente causador de doença, seja pela exposição a versões atenuadas ou pela exposição a partes do patogéneo capazes de desencadear uma resposta imunológica). No contexto da SARS-Cov-2 (o vírus) e Covid-19 (sua doença relacionada), o que Boris e amigos estiveram a propor era o sacrifício da população (com consequências imprevisíveis, mas já reconhecidas como extremamente severas para muitos) de modo a que, nalgum momento se tivesse um grupo imunologicamente protegido contra a doença. Este é o mais próximo da eugenia que alguma vez estivemos - ousaria dizer.

SE, NESTA ALTURA, JÁ PODEMOS CARACTERIZAR COM BASTANTE SEGURANÇA O CHAMADO "GRUPO DE RISCO" – PESSOAS MAIS IDOSAS E/OU COM MORBILIDADES ASSOCIADAS -, OS PRÓXIMOS TEMPOS VIRÃO EXPLICAR QUE, NO CONTEXTO DE CONTENÇÃO E MITIGAÇÃO DO SURTO, AS POLÍTICAS DO #FIQUEEMCASA SÃO PARA QUEM PODE (NÃO PARA QUEM QUER).

Ao que acresce o facto de, não estarem a morrer apenas as pessoas que se inserem no tal grupo de risco. Fica a dúvida: o que é que vos fez retroceder na abordagem criminosa da pandemia: deixarem de ter a certeza que nem vocês estão protegidos ou acharem que já têm a margem suficiente para que as teses de Malthus vos (nos) possam desgraçar?

COVID-19: PRECARIEDADE NO TRABALHO E NA VIDA? É ISTO!

Adriano Campos

Os efeitos sociais da estratégia de combate ao vírus vieram revelar com extrema clareza as crises antes da crise da pandemia. Se o fundamental neste momento é concentrar todos os esforços na resposta do SNS frente à catástrofe de saúde pública, rápido virá o tempo de analisar a incapacidade e a iniquidade do sistema de produção e regulação em proteger as pessoas nas suas vidas e nos seus empregos.

As crises antes da crise. O FMI deixou já o aviso: a economia mundial enfrentará uma recessão este ano com uma dimensão igual ou mais profunda do que a da crise financeira de 2008. Todas as apostas oficiais estão, portanto, na retoma futura e na possibilidade de uma recuperação económica acelerada no mundo pós-Covid. Mas esse é sempre o cenário otimista na impossibilidade de se saber a extensão dos efeitos da paralisação e dos impactos em países fortemente dependentes de monoculturas como a do turismo. A montante, permanecem as estruturas de reprodução das crises, seja ela financeira, económica ou social. É necessário pensar em respostas concretas para todas.

NO CAMPO DO EMPREGO, TRÊS CONCLUSÕES SE APRESENTAM.

A primeira é que a paralisação da economia expõe ao extremo os contornos da precariedade. A vaga de despedimentos selvagens que afeta milhares de trabalhadores em Portugal alimenta-se, em primeiro lugar, dos mais precários, sejam os que estão em período experimental, com contratos a prazo, trabalho temporário, outsourcing ou recibos verdes. Este efeito bola de neve no desemprego revela, por sua vez, a fragilidade da economia e vem comprovar o que tantos afirmaram ao longo dos últimos cinco anos, a criação de empregos assentou na fragilidade dos vínculos e na precariedade coletiva que afeta já várias gerações de trabalhadores. Por fim, a conclusão necessária, como evitar que Sísifo volte a subir a montanha da criação de emprego, sem tudo se perder numa nova crise? O Bloco de Esquerda deu o mote, a alteração das leis laborais é o primeiro patamar para a refundação do modelo de emprego e contratação, onde contratos permanentes se imponham perante a selva da informalidade e do desemprego. Perdeu-se essa oportunidade, perderam-se os empregos.

A crise pandémica revela também a insuficiência e extrema fragilidade das respostas públicas que garantam a proteção das pessoas. Nos direitos sociais, o modelo privado e caritativo é um castelo de cartas fustigado pelo pico e complexidade das respostas necessárias. No apoio aos mais idosos, nas populações em situação de risco, onde a pobreza condena ao isolamento sem apoio, só o Estado pode responder com a pujança do modelo público. Uma resposta integrada onde o direito à habitação deve também ser relançado à luz desta crise. Para se ficar em casa é preciso ter casa. Em poucos dias, centenas de habitações destinadas ao alojamento local estão a ser lançadas no mercado de arrendamento, desautorizando os que diziam tratar-se de fogos que estavam à margem das necessidades de habitação familiar. São casas necessárias a programas de habitação pública dignos desse nome.

As respostas à precariedade no emprego e à precariedade na vida não encerram os problemas à nossa frente. O debate sobre a resposta tardia do Estado aos primeiro sinais da pandemia deve, antes de tudo, ser um debate sobre a natureza dos instrumentos à disposição deste Estado. Se é hoje transparente a falência da ode neoliberal à privatização dos sistemas de saúde, é preciso não esquecer que foram nos setores estratégicos onde as respostas mais tardaram e são mais frágeis no tempo. Seja nas comunicações, com a linha de Saúde 24 (a primeira resposta) entregue à rapina financeira do grupo Altice; na energia, com os recursos e poder de decisão concentrados na EDP; na banca, com a resistência dos grande grupos a proteger o direito à habitação.

Tudo nos diz que as medidas daqui a seis meses tenham que ser ainda mais fortes na proteção das vidas e dos empregos para a reconstrução do país. Um tempo para travar a pandemia e salvar o SNS, sabendo das tarefas de organização da luta social que estão mesmo à nossa frente.

O QUE NOS DIZ O CORONAVÍRUS

Edgar Morin

Surgiu muito longe, numa cidade desconhecida da China. Rapidamente,os espíritos compartimentados, entre os quais o do nosso ministro da Saúde de então, reconfortavam-nos: este vírus não nos chegará cá. E o vírus viaja de mão em mão, de respiração em respiração, faz-se ao caminho, de barco, de avião, vai de terra em terra, da tosse à saliva. Penetra às escondidas, aqui e lá, na Lombardia, no Oise, espalha-se na Europa. A contaminação ganha. O alerta para a epidemia é declarado.

O primeiro problema é evidentemente sanitário. Os hospitais, vítimas de economias insensatas, estão já a transbordar e o vírus vem agravar a crise hospitalar. O remédio é ainda desconhecido e a vacina inexistente. As declarações dos/as médicos/as são contraditórias, umas prevenindo para um grande perigo, outras assegurando uma previsível mortalidade baixa.

OS PODERES PÚBLICOS TOMAM MEDIDAS DE PROTEÇÃO QUE APENAS PODEM ISOLAR PARCIALMENTE TANTO DOENTES COMO SAUDÁVEIS SOB AMEAÇA.

As medidas preventivas tomadas um pouco por todo o planeta afetam escolas, reuniões, refreiam trocas comerciais, imobilizam navios de transporte ou de passageiros, limitam viagens internacionais, bloqueiam os produtos de exportação da China, inclusive medicamentos, diminuem os consumos de carbono, desencadeiam uma crise entre países produtores de petróleo, provocam baixas nos mercados bolsistas e começam a provocar uma crise económica no seio de uma economia mundial já desregulada.

De facto, o vírus traz/impõe uma nova crise planetária na crise planetária da humanidade na era da globalização. Mas por todo o lado se continua a considerar e a tratar esta complexidade como problemas e setores separados. Cada Estado fecha a sua nação sobre ela mesma; a ONU não propõe qualquer aliança planetária de todos os Estados. Será preciso pagar, em vítimas adicionais, o sonambulismo generalizado e a pobreza dos espíritos que separam o que está unido? E, no entanto, o vírus revela-nos o que está oculto nos espíritos compartimentados formados nos nossos sistemas educativos, espíritos dominantes nas elites técnico-económico-financeiras: a complexidade do nosso mundo humano na interdependência e intersolidariedade no sanitário, no económico, no social, em tudo o que é humano e planetário. Esta interdependência manifesta-se por inúmeras intenções e retroações entre os diversos componentes das sociedades e indivíduos. Assim as perturbações económicas suscitadas pela epidemia favorecem a sua propagação.

O vírus diz-nos então que esta interdependência deveria suscitar uma solidariedade humana com a tomada de consciência da nossa comunidade de destino. O vírus revela-nos, também, aquilo que chamei "ecologia da ação": a ação não obedece necessariamente à intenção e pode ser desviada, deslocada da sua intenção, e mesmo regressar e acabar por atingir, em efeito boomerang, aquele que a desencadeou. É o que prevê o professor Eric Caumes, do (Hospital) la Pitié-Salpêtrière: "No fim são as reações dos políticos a este vírus emergente que vão resultar numa crise económica global… com um benefício ecológico". Último paradoxo da complexidade: o mal económico poderia gerar um bem ecológico. A que preço? De qualquer maneira, mesmo fazendo-nos muito mal, o coronavírus diz-nos verdades essenciais..

JUDITH BUTLER

O Capitalismo tem os seus limites

A obrigação do isolamento coincide com um novo reconhecimento da nossa interdependência global durante o novo tempo e espaço da pandemia. Pedem-nos, por um lado, para nos sequestrarmos a nós mesmos em unidades familiares, em espaços partilhados de habitação ou em domicílios individuais, privados de contacto social e relegados para esferas de relativo isolamento; por outro lado, confrontamo-nos com um vírus que atravessa rapidamente fronteiras, alheio à própria ideia de território nacional. Pelo modo como se move e ataca, o vírus demonstra que a comunidade humana é igualmente precária. Ao mesmo tempo, porém, o falhanço de alguns Estados ou regiões para se prepararem de antemão (os EUA são neste momento, talvez, os membros mais notórios deste clube), a eclosão de políticas nacionalistas e do fecho de fronteiras (acompanhados frequentemente por pânico xenófobo) e a chegada de empreendedores ávidos em lucrar com o sofrimento global, todos atestam a rapidez com que a desigualdade radical – que inclui nacionalismo, supremacia branca, violência contra as mulheres, contra pessoas trans e queer e exploração capitalista - encontram formas de reproduzir e fortalecer os seus poderes no interior das zonas pandémicas. Isto não deveria ser surpresa.

A política de cuidados de saúde nos EUA vem destacar tudo isto de forma clara Um dos cenários que podemos já perspetivar é a produção e comercialização de uma vacina eficaz contra o COVID-19. Claramente ávido por arrecadar vantagens políticas que assegurem a sua reeleição, Trump já procurou comprar (com dinheiro) direitos exclusivamente americanos de uma vacina de uma empresa alemã, CureVac, financiada pelo governo alemão.

Não faz sentido perguntar novamente em que estava Trump a pensar? A questão tem sido colocada tantas vezes, em tal estado de crispação, que não poderemos possivelmente ficar surpreendidos. Isso não significa que a nossa indignação esmoreça a cada novo episódio de autoengrandecimento imoral e criminoso. Mesmo que as restrições baseadas em cidadania nacional não venham a ser aplicadas, certamente que veremos os ricos e os plenos beneficiários de seguros apressarem-se para assegurar acesso a tal vacina quando estiver disponível, mesmo que o processo de distribuição garanta que apenas alguns/algumas terão esse acesso enquanto outro/as serão abandonados a continuada e intensificada precariedade.

A desigualdade económica e social vai assegurar que o vírus discrimina. O vírus sozinho não diferencia, mas nós humanos certamente, formados e animados como somos pelos poderes interligados de nacionalismo, racismo, xenofobia e capitalismo. Parece provável que vejamos, no próximo ano, um doloroso cenário em que algumas criaturas humanas asseguram o seu direito de viver a expensas de outros/as, reinscrevendo a espúria distinção entre vidas dignas ou indignas de luto, ou seja, aqueles/as que devem ser protegidos/as a todo o custo da morte e aqueles/as cujas vidas são consideradas indignas de salvaguarda contra a doença e morte.

Mesmo que Warren já não seja candidata, e que seja pouco provável que Sanders recupere o seu momentum, deveremos ainda assim perguntar, especialmente agora, por que razão ainda nos opomos enquanto povo ao tratamento de todas as vidas como tendo igual valor. A proposta de saúde pública e universal revigorou um imaginário socialista nos EUA, e tem agora que aguardar até que seja entendida como política social e compromisso público neste país. Infelizmente, neste tempo de pandemia, nenhum/a de nós pode esperar. A ideia deve agora ser mantida viva nos movimentos sociais menos ancorados na campanha presidencial e mais na luta de longo prazo que temos pela frente. Tais visões corajosas, ridicularizadas e rejeitadas pelos capitalistas "realistas", tiveram projeção suficiente, atraíram suficiente atenção, para que um número crescente de pessoas – algumas pela primeira vez – deseje um mundo transformado.

Esperemos poder manter vivo esse desejo.

[Versão completa do texto em www.redeanticapitalista.net]

HUGO MOTA

A AFD E O SAUDOSISMO NAZI

Em 2013 a AfD é criada, definindo-se como um partido liberal-conservador contra o Euro. Nas eleições gerais desse ano não chega aos 5% necessários para eleger deputados mas uns alarmantes 4,7% dos votos, atingindo o melhor resultado de sempre de um novo partido desde 1953. Em pouco tempo torna-se claro que o partido fundado por Bernd Lucke, Alexander Gauland, Konrad Adam e outros antigos militantes da CDU e FDP, não é apenas o que pretendia ser. Descontentes com a crescente radicalização à direita, alguns membros, incluído o seu primeiro líder Lucke, saem em 2015 formando um novo partido.

Frauke Petry é eleita em 2015 para líder guinando o partido cada vez mais para a direita. Vítima do seu próprio veneno e não conseguido controlar os setores mais radicais, Petry desvincula-se em 2017 da AfD para também formar um novo partido. Diga-se que nenhum dos antigos líderes dissidentes tiveram qualquer sucesso eleitoral com os seus partidos, ao contrário da AfD que sob o comando de Gauland e Jörg Meuthen foi vendo o seu sucesso eleitoral crescer.

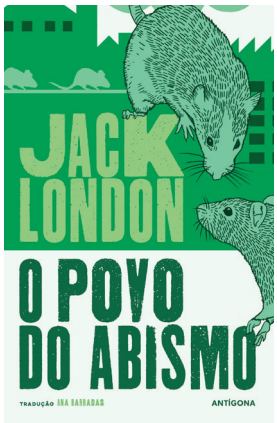
Depois de sucessos a nível regional, nas eleições gerais de 2017 a AfD torna-se no maior grupo parlamentar na oposição, estando também presente em todos os parlamentos regionais. Parte da sua afirmação no panorama político deveu-se à sua capacidade de captar não votantes descontentes com o status quo, setores da CDU e FDP e em menor escala de setores à esquerda. A mestria de Gauland e Adam como manipuladores de informação, dada a sua larga experiência como jornalistas e editores-chefe de periódicos com projeção nacional, contribuíram em muito mais do que se possa pensar para a mediatização do partido, conseguindo captar o voto de todo o espectro político e das classes conservadoras mais baixas, as mesmas que se fosse aplicado o programa económico da AfD mais sofreriam.

NUM CLIMA DE RADICALIZAÇÃO CADA VEZ MAIS PRONUNCIADO DESDE 2015, DESTACA-SE BJÖRN HÖCKE LÍDER DA ALA MAIS RADICAL DOMINADA SIMPLESMENTE DE "A ALA" A LIDERAR AS HOSTES COM O CONSENTIMENTO PASSIVO DE MEUTHEN E DOS ATUAIS LÍDERES PARLAMENTARES, ALEXANDER GAULAND (TAMBÉM PRESIDENTE HONORÁRIO) E ALICE WEIDEL (COM UMA CARREIRA LIGADA A BANCOS DE INVESTIMENTO, LÉSBICA E CASADA COM UMA MULHER DO SRI LANKA, APESAR DAS INCLINAÇÕES RACISTAS E ATÉ HOMOFÓBICAS).

A fação mais radical da AfD, "Der Flügel" (A Ala) liderada por Höcke e Andreas Kalbitz é claramente neo-fascista. Inclusive, muitos dos seus membros já pertenceram a organizações de índole nazi. Representando quase 40% dos apoiantes da AfD, trata-se de uma fação com enorme peso numérico e político, e por isso foi sendo tolerada pelos altos quadros da AfD, a mesma ala que contribuiu para a queda de Lucke e Petry. A Ala foi finalmente considerada no passado 12 de Março de 2020 como uma organização com elementos fascistas por parte das autoridades e um caso em observação para uma possível proibição. Tal forçou os altos dirigentes da AfD, que até aqui a tinham tolerado, a exigir que se extinguisse o que acabou por acontecer no passado dia 21 de Março. Mas não nos enganemos a "A Ala" pode ter deixado de existir no papel mas os seus membros continuam e deverão continuar na AfD dado o seu peso.

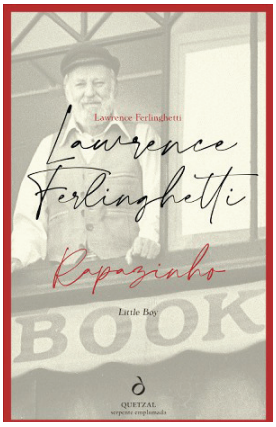
Com o sucesso da AfD tornou-se imperativo combater a ascensão da mesma. A nível político a primeira medida de todos os partidos, de forma independente, foi uma postura de não colaboração a todos os níveis. Apesar de todas as campanhas de sensibilização de quase todo o espectro político alemão, especialmente à esquerda, para desmascarar a real face da AfD, não impediu que a mesma continuasse a somar sucessos eleitorais até há pouco tempo. Neste momento a sua rota de crescimento estagnou até começa a baixar, com exceção feita a alguns estados da antiga RDA, demonstrando que é possível estancar a extrema-direita com paciência, algo a ser analisado numa próxima edição.

LEITURAS



O POVO DO ABISMO
Jack London
2019 | 226 páginas | Antígona | PVP: ± 16 Euros

A Antígona prossegue na tarefa de edição ou de reedição em português de textos de Jack London, um dos mais reconhecidos e prolíficos escritores norte-americanos. Um trabalho editorial necessário na disponibilização, em língua portuguesa, de uma literatura comprometida com os lados mais invisíveis e mais precarizados do século XX: os quotidianos do trabalho, os deserdados e esquecidas do capitalismo triunfante, o lúmpen proletariado e as margens obscurecidas das cidades do início do seu século. Neste livro, O povo do abismo, London pinta-nos um retrato do dia-a-dia das zonas mais degradadas de Londres, onde viveu na primeira pessoa as dificuldades e a luta pela sobrevivência de quem tem por morada o abismo da pobreza extrema. Trata-se de um olhar que reflete frequentemente sobre o seu privilégio e sobre as vantagens da condição voluntária do seu mergulho no reduto da desesperança, mas que nem por isso perde de vista a tarefa literária a que se propõe. Não se limita a descrever, mas vinca as situações de injustiça e os becos sem saída a que estão votadas um conjunto de pessoas que se cruzam, que se interconectam, que estabelecem redes de solidariedade e que gizam percursos de subsistência. De algum modo trata-se de uma abordagem etnográfica que ensaia, a partir de uma implicação profunda com o contexto a que se vincula, dar voz própria à franja de desconhecidos/as sem voz, elevando-os numa literatura que os tem por sujeitos centrais. | Hugo Monteiro



RAPAZINHO
Lawrence Ferlinghetti
2019 | 187 páginas | Quetzal | PVP: ± 15 Euros

A Antígona prossegue na tarefa de edição ou de reedição em português de textos de Jack London, um dos mais reconhecidos e prolíficos escritores norte-americanos. Um trabalho editorial necessário na disponibilização, em língua portuguesa, de uma literatura comprometida com os lados mais invisíveis e mais precarizados do século XX: os quotidianos do trabalho, os deserdados e esquecidas do capitalismo triunfante, o lúmpen proletariado e as margens obscurecidas das cidades do início do seu século. Neste livro, O povo do abismo, London pinta-nos um retrato do dia-a-dia das zonas mais degradadas de Londres, onde viveu na primeira pessoa as dificuldades e a luta pela sobrevivência de quem tem por morada o abismo da pobreza extrema. Trata-se de um olhar que reflete frequentemente sobre o seu privilégio e sobre as vantagens da condição voluntária do seu mergulho no reduto da desesperança, mas que nem por isso perde de vista a tarefa literária a que se propõe. Não se limita a descrever, mas vinca as situações de injustiça e os becos sem saída a que estão votadas um conjunto de pessoas que se cruzam, que se interconectam, que estabelecem redes de solidariedade e que gizam percursos de subsistência. De algum modo trata-se de uma abordagem etnográfica que ensaia, a partir de uma implicação profunda com o contexto a que se vincula, dar voz própria à franja de desconhecidos/as sem voz, elevando-os numa literatura que os tem por sujeitos centrais. | Hugo Monteiro

CONTACTOS

Email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**

www.redeanticapitalista.net

ACONTECE

Plataforma Resposta Solidária

Com a Plataforma Resposta Solidária queremos apoiar quem necessita de respostas a dúvidas, mas também denunciar situações de abuso ou incumprimento. As dúvidas ou denúncias serão recebidas através do email **plataformarespostasolidaria@gmail.com.** Responderemos às dúvidas, partilhando informação útil e juridicamente fundamentada. Receberemos e divulgaremos as situações de abuso, tornando-as públicas com garantias de consentimento e anonimato, alertando outras pessoas para problemas semelhantes e tirando do silêncio o aproveitamento da crise social que se instala.
facebook.com/plataformarespostasolidaria

Despedimentos.pt

Plataforma criada pelo Bloco de Esquerda para denúncia de abusos e despedimentos na altura da pandemia. Convite a que se faça um mapa de irresponsabilidade social em altura de contingência.
1) Usaremos um formulário online para recolha de informação e contactos. Numerosos casos estão já nas nossas mãos, por via do Grupo Parlamentar; outros podem ser inseridos nesta base pelos camaradas dos Precários Inflexíveis e da associação Rés do Chão, que lançaram a plataforma Resposta Solidária, que prestará apoio e aconselhamento jurídico à distância a vítimas de abusos laborais ou na questão da habitação. Mas esperamos ter um forte retorno direto de quem está a ser atingido.
2) Para a validação da informação, devemos mobilizar a rede de funcionários distritais - faremos amanhã reunião do grupo Forum das Lutas e, assim que o site esteja pronto para estar online, outra telereunião nacional de funcionários. A iniciativa deve ser comunicada a toda a militância por mail e sms com apelo à participação.
3) O site oferecerá um mapa com casos apontados e permitirá ler as notícias sobre cada um, acessíveis por ordem de inserção e por pesquisa (distrito/concelho, setor de produção e nome da empresa).